

Temos a oportunidade de moldar o nosso futuro (Votando nas eleições europeias)

Corina Cretu*



“O que está a Europa a fazer por nós, concretamente? Por que é que devemos votar?”. Isto foi, no fundo, o que as minhas sobrinhas me perguntaram recentemente, ao falarmos sobre as eleições europeias que avizinham. Estas perguntas traduzem uma tendência que está a enraizar-se: a Europa parece ser cada vez menos visível para os seus próprios cidadãos e as suas conquistas valiosas são consideradas como dados adquiridos.

Nos últimos cinco anos, na minha qualidade de comissária responsável pela política regional, visitei centenas de regiões em toda a União. Fui testemunha do desejo das pessoas de moldarem o seu futuro, ouvi as suas expectativas e as suas preocupações. A Comissão Juncker, da qual tenho a honra de fazer parte, trabalhou incansavelmente para restabelecer o emprego e o cres-

cimento após anos de crise económica e financeira. E, juntos, cumprimos este objetivo. Desde a tomada de posse da Comissão Juncker, foram criados 12,6 milhões postos de trabalho. O investimento está a aumentar, a Europa entrou no seu sétimo ano consecutivo de crescimento económico e o desemprego na UE atingiu o seu nível mais baixo desde o início do século.

Claro que há ainda muitas questões por resolver, nomeadamente as desigualdades que persistem entre os nossos Estados-membros e as que existem em cada um deles. Mas a única forma de as resolver é, em conjunto, enquanto União. Imaginem o que seria de nós sem a Europa. Nos anos que se seguiram à crise financeira de 2008, o investimento público estagnou gravemente em vários Estados-Membros. O financiamento europeu foi mobilizado para apoiar as economias nacionais, tendo atingido, nalguns casos, 75 % de todo o investimento público. Sem a intervenção da União Europeia, sem a solidariedade europeia, estaríamos hoje em melhor situação? É claro que não.

Os últimos cinco anos permitiram-me também ver, com os meus próprios olhos, o impacto tangível desta solidariedade. A União Europeia

apoiou investimentos essenciais em hospitais, investigação, segurança energética, ação climática, património cultural, universidades, escolas ou transportes; investimentos essenciais em zonas rurais, cidades, regiões transfronteiriças ou ilhas remotas. A solidariedade europeia teceu a trama social, económica e cultural que nos mantém unidos. Ajudou regiões da Europa Central, Oriental e Meridional a recuperar o seu atraso. Mobilizou ministros, governadores regionais, autarcas e a própria sociedade civil e pô-los todos a trabalhar arduamente para uma Europa mais justa e mais sustentável.

Este compromisso reflete o que temos vindo a fazer, em conjunto, ao longo dos últimos sessenta anos: unir forças para nos apoiarmos mutuamente. Esta união extraordinária ajudou-nos a encontrar a paz, a consolidar as nossas economias e a reforçar o nosso papel na cena mundial. Uma união extraordinária que nos permitiu viajar livremente, estudar e trabalhar longe de casa e regressar mais esclarecidos e com o espírito mais aberto. Uma união extraordinária que nos permitiu encontrar a amizade e o amor no outro lado da fronteira. É por isso que devemos lutar pela preservação da nossa unidade.

Há trinta anos, a queda do muro de Berlim marcou, supostamente, o fim da História e de todas as suas grandes narrativas. Ao ver a propagação dos movimentos populistas no xadrez político, lançando as sementes da discórdia e comprometendo como nunca antes os valores e princípios comuns que foram estabelecidos paciente e cuidadosamente ao longo de várias décadas, sei que a História não terminou. Está nas nossas mãos, cidadãos da Europa, influenciar o seu curso.

Ao votarmos, temos a oportunidade de moldar o futuro da nossa união e de escolher o rumo das nossas vidas. A União Europeia é um edifício político único, como nenhum outro no mundo, um santuário para a paz e a dignidade e a principal salvaguarda contra a discórdia. É isto, minhas queridas sobrinhas, que a Europa está a fazer por nós, concretamente. É por isso que devemos votar. ◀

*Comissária Europeia para a Política Regional

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

(H)À Educação

Mariana Ribeiro Clemente*

marianaclemente@ua.pt



E se a paisagem nos contasse histórias? Uma nova perspetiva da cidade de Aveiro.

As línguas representadas na paisagem de Aveiro, as principais tendências do uso da linguagem, da comunicação e o seu valor educativo, são o tema deste texto fundado num estudo que realizei no Laboratório para a Aprendizagem de Línguas Estrangeiras da Universidade de Aveiro (UA), entre 2011 e 2017. A história é exibida pelas montras dos espaços comerciais, edifícios, menus, toponímia, veículos, publicidade e arte urbana.

Quando caminhamos por Aveiro, vemos como os cidadãos constroem simbolicamente o espaço público. Vemos como interagem. Também vemos como as escolhas linguísticas influenciam a interação social e contribuem para a arquitetura de uma cidade. Surgem, assim, paisagens dentro de uma paisagem maior, colorida pelas vozes escritas dos habitantes e pelas práticas linguísticas do governo local.

Foram tiradas várias imagens de rua e fotografias documentais para realizar o estudo sociolinguístico da paisagem linguística de Aveiro. As 566 fotografias consideradas na investigação

pertencem a 46 ruas diferentes. Foram encontrados 22 idiomas. No top 5 de línguas estrangeiras presentes nas ruas de Aveiro, pode encontrar-se o inglês, o francês, o espanhol, o italiano e o alemão. Foram feitas entrevistas aos proprietários de lojas e a membros do governo local sobre os possíveis significados da paisagem linguística. Estes dados permitiram conhecer os argumentos que sustentam as escolhas linguísticas governamentais (públicas) e privadas e ainda criar um significado compartilhado da cidade.

O estudo mostrou que Aveiro é uma cidade multilingue que segue as tendências globais, onde as línguas têm diferentes níveis de relevância e visibilidade. O inglês é predominante entre as 21 línguas estrangeiras encontradas, veiculando os valores da modernidade, da juventude, do turismo, da tecnologia e da moda. Um olhar mais aprofundado sobre as formas como essas línguas interagiram entre si revelou 58 padrões de combinações de idiomas, sendo a combinação de português-inglês a mais utilizada.

A paisagem exibiu 5 sistemas de escrita diferentes combinados em 14 modos distintos: latino, cirílico, árabe, japonês e caracteres chineses. Entre as línguas estrangeiras e as da imigração, também se observou que o chinês é a língua que tem uma presença simbólica mais forte usando estratégias de autenticação, nomeadamente opções tipográficas e características de arquitetura que contribuem para a visibilidade da língua e para a sensação de sotaque estrangeiro na sua forma escrita. Além disso, esta paisagem exibe 2 naturezas distintas de graffiti: o negociado, sendo con-



sentido pelas autoridades locais num processo dialógico com os cidadãos; e o de transgressão, atuando como uma voz de protesto e dos dissidentes.

A paisagem linguística revela como nos apresentamos ao mundo e como comunicamos uns com os outros. É uma paisagem repleta de História, de pessoas, que percorre muitos caminhos e que conta muitas histórias.

Quando caminhamos pelas ruas de Aveiro, lemos, interagimos, descobrimos, exibimos, jogamos, aprendemos, administramos, agimos, desafiámos, comunicamos. Logo, a paisagem linguística tem um importante valor educativo e social e materializa o desafio de abrir os muros da escola à vida quotidiana de uma cidade. Esta paisagem permitiu criar recursos educativos inovadores e interdisciplinares para o 1º Ciclo do Ensino Básico, sustentados pelo objetivo de promover o Pensamento Crítico e Criativo desde os primeiros anos de escolaridade e de estimular a construção da cidade desde a infância.

Conclui-se que a integração da paisagem linguística na educação beneficia da abordagem interdisciplinar, multimodal e das multiliteracias o que permite ir muito além da aprendizagem de línguas fora da sala de aula.

Estas abordagens estão interligadas com a dimensão do Pensamento Crítico, necessária para compreender os significados dos textos imediatamente visíveis na paisagem, mas também das camadas invisíveis. Tomar uma posição crítica desde a infância é crucial para ler as razões por trás das escolhas, a ausência intencional de certas línguas/imagens e alcançar as relações complexas entre o contexto social, político, cultural e económico, permitindo uma participação informada e a compreensão da sociedade.

No contexto atual de radicalização agressiva, de marginalização, de imigração, de insegurança global e do crescente interesse e vontade do cidadão em querer participar nas decisões que dizem respeito ao local onde vivem, as cidades enfrentam o desafio da gestão da diversidade e o imperativo de contribuírem para criar um espaço público praticado pelos habitantes desde a infância, atuando como um espaço promotor da tolerância, do pensamento crítico e criativo através da compreensão e planeamento da paisagem linguística como grande arquiteta de espaços e lugares reais e imaginados com os quais todos crescemos. ◀

*Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico